

O HOMEM MARCADO



SERPICO: O POLICIAL QUE
DESAFIOU A MÁFIA DE FARDA

JOHN FLORIO E OUISIE SHAPIRO



O HOMEM MARCADO

SERPICO: O POLICIAL QUE DESAFIOU
A MÁFIA DE FARDA

JOHN FLORIO E OUISIE SHAPIRO

TRADUÇÃO FÁBIO ALBERTI



*Para o capitão do Departamento de Polícia de
Nova York William Florio, um policial honesto*

— J. F.

*Aos espíritos destemidos que não se calam
diante da injustiça*

— O. S.

ESCLARECIMENTO AO LEITOR

NÓS TENTAMOS CONTAR DA MANEIRA MAIS FIEL POSSÍVEL A história da luta de Frank Serpico contra a corrupção no Departamento de Polícia de Nova York.

Para reconstituir cenas neste livro, nós nos baseamos em nossas entrevistas com Serpico, bem como nos muitos artigos e trabalhos publicados sobre ele. Também nos valemos de relatos históricos, entre os quais o livro *Serpico*, de Peter Maas, e de matérias de jornais da época dos acontecimentos. Para os diálogos, nós nos baseamos nas mesmas fontes. Quando não havia registro oficial, tivemos que empregar nossas próprias palavras para criar diálogos que capturassem a essência do que os interlocutores pretendiam.

Em todas as situações, apresentamos o que acreditamos ser uma representação verdadeira desses eventos.

Uma observação final: ao longo do livro, que é quase todo ambientado nos anos de 1960, além do termo “policial”, nós também fizemos uso de termos como *tiras*, *guardas*, *patrulheiros* e *investigadores*, em conformidade com a linguagem da época, para nos referirmos aos membros do Departamento de Polícia de Nova York.

As mulheres não haviam sido totalmente incorporadas ao departamento até os anos de 1970. Somente então todos os membros da força passaram a ser chamados de policiais.

PREFÁCIO

Driggs Avenue, 778, Williamsburg, Brooklyn, 1971

TODA a ação se desenrola no apartamento 3G. Mambo, o cara dentro do apartamento, está vendendo heroína.

Três agentes à paisana elaboram um plano. O barbudo sabe falar espanhol. Ele deve bater à porta, agir como um viciado e dizer que quer comprar droga. Quando a porta se abrir, eles vão prender Mambo com a droga na mão. Eles irão algemá-lo e arrastá-lo para a delegacia. Simples assim.

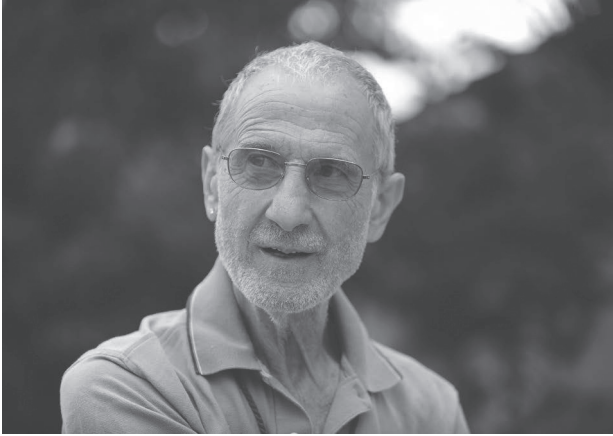
O policial barbudo bate à porta. Segurando seu .38 de cano curto junto ao corpo, ele mantém o rosto próximo do olho mágico. Os outros dois esperam — um no patamar da escada, e o outro a um metro de distância.

Mambo abre a porta. Bem devagar. O tira joga o ombro contra o vão da porta, quebra a corrente de segurança e tenta forçar a sua abertura. Mambo tenta fechar a porta. Dá-se um impasse — o tira fica preso, com uma perna do lado de dentro do apartamento e a outra fora.

O tira levanta a arma e a aponta para Mambo. Nesse momento grita para os seus parceiros, virando a cabeça à procura deles. Péssima ideia.

Quando vira a cabeça para olhar à volta, ele é surpreendido por um clarão e atingido pelo disparo de uma arma de fogo.

- CARO LEITOR -



MEU NOME É FRANK SERPICO. TENHO OITENTA E SETE ANOS, E HÁ mais de cinquenta anos vivo com uma bala alojada na cabeça. Sou surdo de um ouvido e manco quando caminho.

Minha história pode parecer antiga para você, mas nem sempre foi assim. Em 1973, Al Pacino me interpretou num filme chamado *Serpico*. O filme foi um grande sucesso — o American Film Institute incluiu o personagem de Serpico em sua lista dos maiores heróis de todos os tempos. No instante em que o filme chegou aos cinemas, meu nome se tornou uma lenda.

Todos pareciam saber o nome do detetive que desbancou o sistema.

Toda a badalação de Hollywood já desapareceu, é claro, mas continuo sendo *persona non grata* no Departamento de Polícia de

Nova York. E por incrível que pareça, ainda recebo e-mails raivosos de policiais aposentados e da ativa.

A polícia constitui uma subcultura peculiar na sociedade. Não raro os seus membros têm seu próprio código moral, uma atitude do tipo “nós contra o resto”. E essa atitude é reforçada por um muro azul de silêncio, que pode ser ainda mais forte que a omertà, o código de silêncio da máfia. Sabemos bem do que se trata: abra a boca e deixará de ser um de nós, e passará a fazer parte do resto.

Eu abri a boca. Eu faço parte do resto.

Em 1972, recebi a Medalha de Honra, a mais alta condecoração conferida pelo Departamento de Polícia de Nova York por bravura em ação; mas recebi essa condecoração por ter sido baleado no cumprimento do dever, não por ter confrontado policiais corruptos. Eles me entregaram a medalha como se estivessem jogando um maço de cigarros para mim.

Certa vez, um ex-presidiário me contou que um capitão da polícia disse: “Se não fosse o filho da puta desse Serpico, eu estaria milionário hoje.” E o ex-detento continuou: “Acho que você não está entendendo, Frank; eles tinham uma máquina de fazer dinheiro bem azeitada e em pleno funcionamento, e aí você apareceu e jogou um monte de areia nas engrenagens.”

E era bem assim — o Departamento de Polícia de Nova York inteiro queria a minha cabeça. Ainda hoje me parece surpreendente que algumas pessoas me considerem um inimigo das forças de segurança, que eu não seja visto com bons olhos pela polícia na minha própria cidade. Porque ainda me lembro de que tudo o que eu queria era ser um membro do Departamento de Polícia de Nova York.

Tudo o que eu queria era ser um dos melhores de Nova York.

CAPÍTULO 1

Quando Frank era criança, seu ritual noturno envolvia ligar seu rádio de cabeceira às nove horas em ponto para ouvir seu programa favorito. “E agora”, entoava o locutor, enchendo com voz alta e sugestiva o quarto todo escuro, exceto pelo brilho que vinha do dial do rádio, “outro episódio eletrizante de *Gang Busters!*”.

O programa era apresentado como “o único programa nacional que traz histórias de casos reais de polícia”. As histórias eram emocionantes: “Os Facínoras da Broadway.” “Motim na Prisão de Alcatraz.” “O Assassino da Máscara Mortuária.” Para Frank, ligar o rádio era como ir a uma escola de detetives. E o melhor era que os episódios ainda traziam pneus cantando, sirenes guinchando, armas disparando e finais gratificantes — porque os caras bons venciam sempre.

Essa era a época de Fiorello La Guardia. Eleito prefeito de Nova York durante a Grande Depressão, em 1934, La Guardia era um reformador determinado. Admirá-lo era fácil; ele era um dínamo de um metro e meio de altura. La Guardia imprimia fervor a tudo o que fazia. E se recusava a acatar as imposições do

Partido Republicano, que havia ajudado a elegê-lo. Ele se livrou dos políticos impostores dos velhos tempos e dos seus chefes, que governavam a cidade. Reorganizou o governo da cidade, unificou o sistema de metrô, criou moradia pública para os pobres e construiu áreas de recreação e parques públicos por toda a cidade. Também reprimiu os gângsteres que administravam organizações ilegais de jogos de azar e iniciou uma cruzada pública para limpar uma força policial corrupta.

Durante uma greve de jornais que afetou 13 milhões de leitores, La Guardia foi ao rádio e leu quadrinhos em voz alta para as crianças da cidade. Ele escolheu *Dick Tracy*, história em quadrinhos sobre o popular detetive de polícia que combatia gângsteres, ladrões de banco e políticos desonestos. Quando terminou a leitura, o prefeito disse aos seus ouvintes: “Crianças, o que significa tudo isso? Significa que dinheiro sujo jamais traz sorte... Não, dinheiro sujo traz apenas infortúnio, tristeza, miséria e desgraça.”

Nascido dois anos depois da eleição de La Guardia, Francesco Serpico foi criado por seus pais Vincenzo e Maria, que haviam se conhecido na Itália e migrado para os Estados Unidos pouco tempo depois de se casarem. O jovem Francesco, chamado de Frank, brincava de bola de gude, esconde-esconde e beisebol nas ruas do Brooklyn, em Nova York. Bedford-Stuyvesant, a sua vizinhança, era uma mistura de imigrantes da Itália e da Europa Oriental, e também de negros americanos, todos se empenhando em conquistar respeito numa cidade que podia ser fria, indiferente e cruel.

CAPÍTULO 1



Prefeito Fiorello La Guardia discursa para a cidade de Nova York num programa de rádio.



Brooklyn, por volta de 1947.

O jovem Frank trabalhava na sapataria do pai depois da escola. Suas tarefas eram modestas — por exemplo, arrastar uma calçadeira magnética pelo chão para recolher os pregos que caíam da mesa de trabalho —, mas ele adorava ver o pai trabalhando. Hábil em seu ofício, Vincenzo havia sido aprendiz de sapateiro na Itália aos nove anos de idade; ele consertava os sapatos à mão, com cuidadosa precisão. De pé diante de sua mesa de trabalho, com uma fileira de pregos presos entre os lábios, ele pegava um sapato com o salto quebrado e o colocava virado para baixo sobre a mesa. Depois retirava um prego da boca com uma das mãos e com a outra pegava o martelo. *Bam! Bam! Bam!* Os pregos sempre acertavam o alvo. Frank admirava a ética de trabalho do pai. Passando incontáveis horas em sua sapataria — muitas noites ele nem mesmo voltava para casa —, Vincenzo ganhou dinheiro suficiente para comprar a casa na qual ele e Maria puderam criar seus quatro filhos: Pasquale, Tina, Salvatore e Frank.

Certo dia, trabalhando na sapataria, Frank poliu os sapatos oxford de um policial uniformizado. Frank sentiu imenso orgulho — estava lustrando os sapatos da lei! Ele poliu o couro até que parecesse novo, e depois observou, chocado, o policial se levantar e ir embora do estabelecimento sem pagar. Frank nunca se esqueceu da arrogância do homem. Também nunca se esqueceu do retorno do policial para lustrar os sapatos.

— Dez centavos — Vincenzo disse, erguendo a mão. — Adiantados.

O policial bufou, saiu do estabelecimento e nunca mais voltou.

Em outra ocasião, um inspetor do Ministério do Trabalho entrou na sapataria e pediu a Vincenzo a documentação de trabalho de Frank.

— Que documentação? — Vincenzo disse. — Ele é meu filho.

— Não importa — o homem retrucou. — Ele é menor de idade; precisa dos documentos de trabalho.

Vincenzo semicerrou os olhos.

— Você quer o meu garoto perambulando pelas ruas com os outros vagabundos? Meu filho vai ficar bem aqui, onde eu posso ficar de olho nele. Aqui eu posso ensinar um ofício a ele.

Sem mais, Vincenzo pegou um martelo e mandou que o homem saísse de seu estabelecimento.

Ao longo de sua vida, Frank levou consigo essas lembranças do pai. Embora não tenha sido um homem poderoso, Vincenzo tinha seu próprio senso de moralidade e era uma pessoa justa.

Quando Frank tinha treze anos de idade, o destino lhe reservou mais uma surpresa, dessa vez reforçando a sua visão romântica acerca do trabalho da polícia. Sua mãe o levou para uma visita ao seu avô na Itália, onde Frank conheceu seu tio Nicolo. Nicolo era membro dos carabinieri, a polícia militar italiana que investiga grupos da máfia e outras organizações criminosas. A visão do uniforme desses policiais diferenciados já impunha respeito: abotoamento duplo, jaquetas com botões de latão e calças com listra de um vermelho intenso que se estendia pela lateral da perna. Isso não passava despercebido. Os italianos sempre notavam. Eles admiravam.

Nicolo ostentava o orgulho de alguém importante, tinha o ar de um homem confiante. E por que não teria? Era respeitado. Carregava consigo um rifle Beretta. Ele *era* alguém. Aos olhos do jovem Frank, Nicolo era um combatente do crime honesto e decente.

Quando estava no ensino médio, Frank encontrou maneiras de simular as experiências de um policial; ele chegou a fazer sua própria pistola caseira usando tiras de borracha e antena de carro. Quando manejada de forma adequada, a arma podia disparar uma bala de calibre .22 com força suficiente para ferir uma pessoa que estivesse a poucos metros de distância. Infelizmente, Frank era melhor em *fazer* armas improvisadas do que usá-las — ele foi parar no hospital um dia depois de atirar no próprio braço com a pistola caseira.

Dois policiais foram visitar Frank para lhe fazerem algumas perguntas, e quando chegaram o garoto estava sentado, com um novo curativo sobre o seu ferimento.

— Cadê a arma? — perguntaram os policiais.

— Eu não tenho arma nenhuma — Frank disse. — Achei uma bala, tirei a ponta dela e ela explodiu.

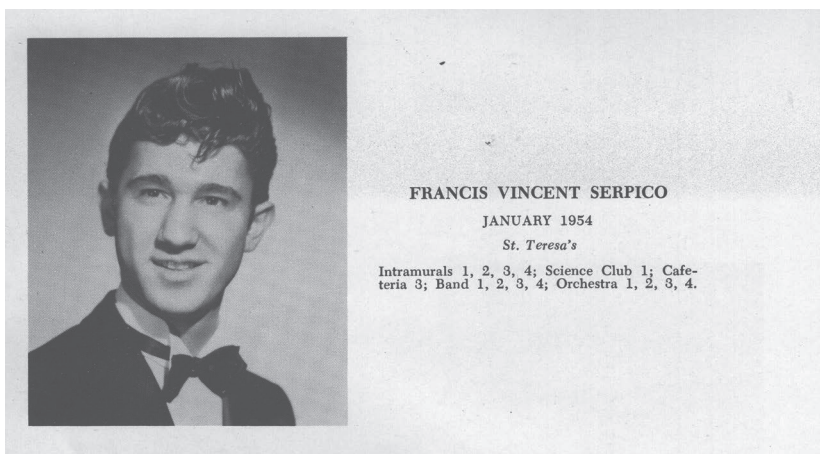
Os policiais olharam um para o outro. Essa história era uma mentira óbvia.

— Em que escola você estuda? — um deles perguntou.

— Na St. Francis Prep. E quero ser policial como vocês.

— Que bom — comentou o outro. — Mas se não ficar esperto, não vai conseguir.

Os policiais liberaram Frank com uma advertência, mas ele entendeu muito bem a mensagem. Daquele ponto em diante, tomaria cuidado e agiria de acordo com as regras.



Frank se forma na St. Francis Prep, 1954.

Assim, depois de completar o ensino médio, Frank entrou para o exército e passou dois anos como soldado de infantaria na Coreia do Sul. Mas ele ainda almejava ingressar na força policial. Quando

voltou para casa, conseguiu um emprego de meio período como guarda de segurança, e à noite estudava ciência policial. Chegou a comparecer à aula vestindo calça azul-marinho e sobretudo bege, como os detetives do programa de televisão *Dragnet*.

Em 1956, quando completou vinte anos de idade, Frank se qualificou para prestar o exame de admissão na Academia de Polícia de Nova York — e isso era tudo o que ele desejava. Enquanto aguardava a convocação, Frank foi trabalhar para a Youth Board, uma divisão da prefeitura, ajudando a acalmar tensões entre gangues juvenis.

Em 1959, ele finalmente foi aceito na academia e se viu diante do velho prédio de tijolos vermelhos na parte baixa de Manhattan. Na entrada, uma placa saudava todos os cadetes: “Uma consciência limpa é o travesseiro mais macio.” Frank fez cursos de ética, conduta policial, investigação, prisão e lições sobre lidar com prisioneiros. Foi treinado no uso de armas de fogo, e teve a sua força física e agilidade testadas. Aprendeu a fazer o parto de um bebê em caso de atraso da ambulância. Fez um curso rápido de direito municipal e direito criminal. E assistiu a palestras sobre psicologia, relações entre raças, defesa civil, governo municipal e delinquência juvenil.

Um instrutor aconselhou:

— Se vocês pegarem um garoto roubando, não o chamem de ladrãozinho. Perguntem onde ele conseguiu a mercadoria.

Outro instrutor formulou a seguinte pergunta:

— Três homens suspeitos são encontrados num beco. Se um deles jogar algo no chão, qual é a primeira coisa a fazer?

Um novato levantou a mão e respondeu:

— Revistá-los.

— Não — o instrutor disse. — Se houver mais de um guarda, os suspeitos devem ser separados. Se você for o único presente, diga para eles não falarem uns com os outros. Assim não poderão combinar uma história entre eles.

Os instrutores na academia enfatizaram que os policiais eram preparados para assumir a função de “protetores da vida e da propriedade de cada cidadão. Vocês arriscarão a própria vida a serviço de pessoas cujos nomes vocês nem sabem”.

Frank prestava a máxima atenção aos instrutores. Com esses caras ele poderia aprender a ser um bom policial, e quem sabe até aprender a ser uma pessoa melhor. Aquele era o lugar certo para ampliar os horizontes; a academia ensinava a importância da lei — e como ajudar pessoas.

Contudo, numa conversa em particular, um policial veterano compartilhou com Frank seu próprio ponto de vista:

— Preste atenção. Não vá bancar o maluco. Ninguém gosta de justiceiros. Dance de acordo com a música e tudo dará certo para você.

Frank também conhecia esse tipo de tira. Por ter crescido no Brooklyn, ele já havia se deparado com muitos desses tipos indolentes — como o guarda que havia entrado no estabelecimento de seu pai para lustrar os sapatos de graça. Frank não queria ser esse tipo de policial.

— Obrigado pelo conselho — Frank respondeu, ansioso por começar a trabalhar e seguir seus próprios instintos.

Em abril de 1960, junto com quase trezentos outros recrutas, ele se formou na academia e se tornou oficialmente um policial da cidade de Nova York.

Na cerimônia de posse, realizada na Escola de Negócios e Administração Pública Baruch, o comissário de polícia Stephen Kennedy deixou bastante claro para a turma que as operações de jogo teriam que ser reprimidas. Ele disse que a aplicação das leis relacionadas a jogos de azar era uma “farsa”, porque muitos infratores apenas pagavam multas em vez de cumprirem pena na prisão.

Isso não era surpresa para Frank. Qualquer garoto que tivesse crescido no Brooklyn sabia que os chefes do jogo perambulavam

CAPÍTULO 1

pelas ruas, aparentemente sem sofrerem resistência. E eram os mesmos sujeitos que estavam envolvidos em grandes operações que traziam drogas e armas para a região.



Policia novato Frank Serpico.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA INFORMAÇÕES DE
TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



AVIS RARA

ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM JUNHO DE 2024